

O olhar leitor do bibliotecário e a leitura de arquivos

Clarinda Rodrigues Lucas

RESUMO

LUCAS, C. R., O olhar leitor do bibliotecário e a leitura de arquivos. *Transinformação* v. 7 n° 1/2/3/, p.111 - 116, janeiro/dezembro/1995

Discute a leitura do bibliotecário enquanto um indexador de arquivos através de teoria da Escola Francesa com enfoque específico para os trabalhos de Pêcheux e Foucault.

Palavras-chave: Leitura do bibliotecário; Leitura de Arquivos; Indexador de arquivos; Organização da Informação; Recuperação da Informação

Esta reflexão volta-se para o fazer do bibliotecário enquanto leitor. O olhar-leitor deste intérprete de arquivos, a compreensão dos seus gestos de leitura, o modo como este leitor trabalha sobre materialidades discursivas, o aparato teórico que sustenta suas leituras e interpretações produzindo o efeito de completude - afinal a Biblioteconomia tem entre suas finalidades a organização da informação, a recuperação do sentido dos textos para os leitores.

No texto "Lire l'archive aujourd'hui", Pêcheux (1982) se refere à:

"la multitude de greffiers, "gratte-papier" et "grouillots", privés ou publics, s'est constituée, à travers l'Age Classique et jusqu'à nos jours, sur ce renoncement à toute prétention à l'"originalité", sur cet effacement de soi dans la pratique silencieuse d'une lecture vouée au service d'une Eglise, d'un Roi, d'un Etat, ou d'une Entreprise".

Pêcheux ressaltava a forma pejorativa como estes "escreventes", "copistas", "burocratas" são vistos. Outro aspecto é a divisão de práticas de leitura distintas - de um lado os "littéraires" (historiadores, filósofos, pessoas de letras) que por tradição dividem a leitura de arquivos com os "escreventes" ...Cada um deles pratica a sua própria leitura e constrói o seu mundo de arquivos.

Ao escrever sobre a divisão do trabalho social da leitura, (Pêcheux,1982), distingue duas categorias de leitura - a literal e a sujeita a interpretação.

Orlandi (1994) aponta para duas consequências desta divisão:

"a. Há os que têm direito à interpretação e os que não tem direito a ela [...] recorte sobre os agentes; b. Há os textos que são instáveis e os que têm

estabilidade de sentidos. Esta divisão é a que separa o "literário" (instável) do científico (estável)".

Arquivo é definido, no sentido amplo, como "champ de documents pertinents et disponibles sur une question" (Pêcheux, 1982). Outra forma de definir arquivo é dada por Maingueneau (1991):

"Son étymon latin, l'archivum, provient de l'archeion grec, lui même dérivé de l'arche de l'archéologie. Lié à l'arché, "source", "principe" et à partir de là "commandement", "pouvoir", l'archeion, c'est le siège de l'autorité (un palais par exemple), un corps de magistrats, mais aussi les archives publiques. La fonction de mémorisation, de trésor textuel qui est celle de l'archive..."

Maingueneau (1991) refere-se aos arquivos como "thesaurus" e busca, em Foucault (1971), o termo "raro":

"Ces archives, par nature, sont des thesaurus, des ensembles finis d'énoncés, "rares" dirait Foucault, La démarche même de l'AD implique de leur recuel, de leur préservation et de leur manipulation contrôlée."

A imagem de Blaise Pascal é usada por Pêcheux (1982) para ilustrar as diferentes maneiras de leitura de arquivo, Pascal é simultaneamente teólogo/filósofo e físico/matemático; ele espelha violentamente a contradição entre a cultura científica e a literária designadas pela tradição escolar-universitária francesa como o "literário" e o "científico", que continuamente se afastam e deliberadamente se ignoram.

Pêcheux propõe a reconstrução histórica dos gestos de leitura inerentes à construção mesma do arquivo, na maneira de se abordar os documentos, de aprendê-los, nas práticas silenciosas de leituras "spontanée" reconstituíveis à partir de seus efeitos na escritura:

"il s'agirait de repérer les évidences pratiques qui organisent ces lectures, plongeant la "lecture littéraire" (en tant que saisie-du-document) dans la "lecture" interprétative qui est déjà une écriture."

Um espaço polêmico das maneiras de ler o arquivo, uma descrição do trabalho do arquivo enquanto relação do arquivo com ele mesmo numa série de conjunturas, trabalho da memória histórica em perpétuo confronto com ela mesma é o que Pêcheux busca reconstruir.

A multidão de escrivães citada por Pêcheux era representada na Idade Média pelos clérigos, e já ocupavam espaços distintos em seus direitos de leitura - alguns podiam ler, falar e escrever (donos de leituras e obras próprias) e todos os outros, meros copiadores, fazendo a transcrição, extração, classificação, indexação, codificação dos textos; e que também não deixavam de ter sua leitura, mas que impunha ao sujeito-leitor que se apagasse atrás de uma instituição à qual pertencia (no caso, a Igreja).

Estes classificadores, indexadores, codificadores de textos são os atuais bibliotecários, profissionais da leitura de livros. É em torno deles que

buscamos nosso ponto de partida, nos seus gestos de leitura, no entremeio de seus enunciados que visamos refletir sobre sua atividade principal - a leitura de arquivos. E aqui também está muito presente a oposição entre o literário e o científico.

Situar as palavras em seus diferentes contextos, entender as idéias de um autor, interpretar um arquivo - visto que a formação discursiva do leitor é específica - como lidar com a diferença entre a formação discursiva do bibliotecário, do leitor e a do próprio arquivo? O olhar bibliotecário tem que dar conta dos diferentes mecanismos que permeiam a relação entre diferentes formações discursivas e não lidar somente com os conteúdos; de certa forma o bibliotecário, através de seus catálogos, de seus descritores, tenta dirigir o olhar leitor, inscrevendo cada texto em uma determinada formação.

Tomamos de Foucault (1971) a atitude de inquietação que ele propõe diante de certos recortes ou grupamentos que já nos são familiares.

Para este trabalho é importante verificar, trabalhar o interior dos textos de Biblioteconomia sobre a leitura, ver como esta atividade se organiza, recorta, distingue o que é pertinente do que não é, delimita e descreve os seus recortes enquanto disciplina.

Maingueneau (1989) observa que enquanto a análise do conteúdo percorre os textos para codificá-los, a análise de discurso exige uma outra forma de leitura - a leitura verdadeira. Pêcheux (Maingueneau, 1989) escreve:

"A análise de discurso não pretende se instituir como especialista da interpretação, dominando "O" sentido dos textos; apenas pretende construir procedimentos que exponham o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito(...) O desafio crucial é o de construir interpretações, sem jamais neutralizá-las, seja através de uma minúcia qualquer de um discurso sobre o discurso, seja no espaço lógico estabilizado como pretensão universal."

O bibliotecário enquanto analista de documentos, leitor de arquivos, delimita conteúdos, busca palavras-chave, descritores, faz o trabalho de intérprete dos textos que indexa. Pretendemos aqui questionar o corpus teórico, o discurso de Biblioteconomia que trata especificamente da tarefa de indexação, interpretação de textos, da organização de documentos e de sua representação temática.

É crítico para esta reflexão recuperar as condições de produção desta "leitura de arquivos" feita pelos bibliotecários: seu instrumental teórico, os seus sistemas de classificação, suas listas de descritores (Thesaurus).

Foucault (1972) no texto "A ordem do discurso" situa a disciplina como:

"um princípio de controle da produção do discurso. Ela fixa-lhe os limites pelo jogo duma identidade que toma a forma de ritualização perma-

nente das regras ... a disciplina se define por um domínio de objetos, um conjunto de métodos, um corpo de proposições verdadeiras, um jogo de regras e definições, de técnicas e de instrumentos: tudo isso se constitui em um tipo de sistema anônimo, à disposição de quem quer ou de quem pode dele servir-se, sem que seu sentido ou sua validade estejam ligados àquele que se achou ser seu inventor."

A Biblioteconomia, a Arquivologia, a Ciência da Informação, a Documentação - todos estes nomes são disciplinas que cuidam dos arquivos. Citamos aqui, para ilustrar a idéia de disciplina como vista por Foucault, um rápido histórico das bibliotecas e dos bibliotecários:

"A história da biblioteca é a história do registro da informação, sendo impossível destacá-la de um conjunto amplo: a própria história do homem. Na medida da produção do registro informativo, o homem engendrou sistemas - tão rudimentares quanto a informação registrada - para não dispersá-la. Era preciso reter a informação sobre algum suporte concreto; conseqüentemente, tornou-se imprescindível a preservação desses suportes - os documentos - bem como a organização deles. Quanto mais documentos produzidos, maior a exigência de controle. A resposta à explosão informativa do século XX foi a utilização do computador para ordenar a informação registrada. Ou seja, quanto mais o homem gera documentos, mais os profissionais especializados no controle da informação buscam instrumentos e técnicas que permitem a cada homem encontrar o dado que procura. (Milanesi, 1983)

As palavras controle, registro, reter, preservação, organização, exigência de controle, ordenar, aparecem com ênfase no parágrafo anterior, e denotam a idéia de biblioteca como uma forma de organização do saber, com a função de sistematizar o acesso à informação, conservando-se neutra diante dos textos que analisa.

O olhar-leitor do bibliotecário é só o de controle, de ordenação, de sistematização? Aí o apagamento do sujeito-leitor notado por Pêcheux. E que leituras faz este bibliotecário? Serão também neutras estas leituras?

Cunha (1990) pesquisou a análise documentária em tese de doutorado, buscando na interseção entre a Linguística, a Lógica e a Documentação os conceitos necessários à melhor fundamentação teórica desta disciplina. Apontou a ideologia no "fazer" do bibliotecário, desfazendo tabus como o "texto neutro" e a "leitura única, absoluta e objetiva do bibliotecário".

Pretendemos usar como fio condutor desta reflexão textos que formam o arcabouço teórico da área de indexação de arquivos, sendo que trabalhos como o acima apontado farão parte do corpus desta pesquisa.

Volto a Foucault (1972) e aos procedimentos que permitem o controle do discurso:

"Não se trata agora de controlar os poderes que suprimem, nem de conjurar os acasos de sua aparição, trata-se de determinar as condições de sua colocação em jogo, de impor aos indivíduos que os pronunciam um certo número de regras e, assim, de não permitir a todo o mundo que tenham acesso à eles. Rarefação, agora, de sujeitos falantes, ninguém entrará na ordem do discurso, se não satisfizer a certas exigências ou se não estiver, desde o início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas fortemente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras aparecem quase abertas a todos os ventos e postas sem restrição à disposição de qualquer sujeito falante."

Os bibliotecários, na divisão do trabalho de leitura, preocupam-se com o tratamento dos textos na sua superfície (classificar, indexar), e a cada dia que passa, com os novos métodos de tratamento de textos induzidos pela informática, estão mais e mais distantes da "interpretação" dos arquivos quanto mais de sua escritura ...

O cerne da questão é visto por Pêcheux (1982):

"l'ambigüité du mot d'ordre fondamentale plus que centenaire "apprendre à lire et à écrire", qui vise à la fois la saisie d'un sens univoque inscrit dans les règles scolaires d'une hygiène de la pensée (les fameuses "lois" sémantico-pragmatiques de la communication) et le travail sur la plurivocité du sens comme condition même d'un développement interprétatif de la pensée."

A nova divisão de trabalho, que a informática aponta, coloca aos bibliotecários, uma dentre as categorias de profissionais da leitura de arquivos, uma questão vital: a sua própria sobrevivência como trabalhador intelectual - no atual contexto histórico cada vez alarga-se mais o fosso entre os cientistas e os literatas - e o privilégio de leitura interpretativa dos arquivos via tratamento informático poderá resultar em um novo tipo de "terapêutica da linguagem" (Pêcheux, 1982), que fixaria então o sentido legítimo das palavras, das expressões e dos enunciados e quem sabe - a normalização do pensamento.

É relevante para nós a questão da divisão do trabalho de leitura - da ciência do tratamento dos textos - da reorganização social do trabalho intelectual que está se refletindo diretamente sobre a memória histórica da sociedade atual.

Interessa-nos fundamentalmente a percepção do que seja "aprender a ler e a escrever" (Pêcheux, 1982), visando a explicitação de disciplinas que acreditam na apreensão do sentido unívoco, buscando a plurivocidade do sentido como condição mesmo de um desenvolvimento interpretativo do pensamento.

Buscamos refletir dentro dos conceitos e procedimentos da leitura de arquivos feita por bibliotecários, caracterizando a leitura-escritura do arquivo sob o olhar da análise de discurso, verificando a pluralidade dos gestos de leitura no espaço das bibliotecas.

No entremeio destas leituras pretendemos produzir questionamentos que elucidem para o bibliotecário o seu trabalho de leitor, buscando a confrontação de sua formação em generalidades, que busca uma leitura neutra, e o discurso circular da Biblioteconomia, navegante entre a compreensão do bibliotecário, a interpretação do leitor e as formações discursivas já dicionarizadas nos Thesaurus, onde os sentidos já se encontram estabelecidos.

Referências Bibliográficas

- CUNHA, I. M. R. F. Do mito à análise documentária. São Paulo: EDUSP, 1990.
- FOUCAULT, M. L'ordre du discours. Paris: Gallimard, 1972.
- _____. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense, 1971.
- MAINGUENEAU, D. Novas tendências em análise do discurso. Campinas, Pontes, 1989.
- _____. L'analyse du discours. Paris: Hachette, 1991.
- MILANESI, L. O que é biblioteca. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- ORLANDI, E. P. Dispositivos de interpretação. In: Para ler e pensar. Rio de Janeiro, Proler, 1994.
- PÊCHEUX, M. Lire l'archive aujourd'hui. ARCHIVES ET DOCUMENTS DE SHESL, 2, 1982.

ABSTRACTS

LUCAS, C. R., Reading sighting of librarian and the reading of archives. *Transinformação* v. 7 n° 1/2/3/, p.111 - 116, janeiro/dezembro/1995

Reading of librarian as an indexer is analysed through the French School of Pêcheux and Foucault.

Keywords: Librarian reading; Archives reading; Archives indexing; Information retrieval; Organization of information